

TECNOLOGIA E ÉTICA – A REFORMA INTELLECTUAL E MORAL EM GRAMSCI

*Ana Maria Said **

Vivemos o mundo globalizado. Mundo globalizado do mercado-financeiro, mas também da interdependência entre a ciência e a técnica no saber contemporâneo, da Internet que interliga milhões de pessoas internacionalmente no mesmo instante em todo o planeta através de satélites, da midiaticização dos homens, de informações acessadas constantemente, transformando o cotidiano humano com uma rapidez jamais vista ou sentida.

Novas tecnologias surgem transformando completamente o que antes era competência apenas da natureza.

O que sempre definiu o campo ético era o fato de os homens definirem e poderem decidir sobre o possível, sobre aquilo que poderia ser ou deixar de ser, porque para ser e acontecer dependia de decisão humana. Os homens não deliberavam nem decidiam sobre o que é regido pela natureza, pela necessidade. Porém, no mundo atual, nós, humanos, criamos a própria necessidade, “criamos natureza.”

É comum ouvirmos em nossos dias a frase que a grande questão a ser pensada hoje é a questão ética. O mundo se transforma com velocidade inimaginável desde início dos anos 90. Por outro lado, a incorporação maciça de tecnologia e a modificação organizacional do mundo do trabalho acirra as contradições de um mundo que tende para a barbárie e o desemprego em massa e que, ao mesmo tempo, faz surgir um “mundo novo”, da informação e da robótica e da engenharia genética, que não consegue “nascer” para todos os homens.

O desenvolvimento da informática e da eletroeletrônica propicia a mundialização cada vez maior do mercado consumidor. É fundamental e crescente a importância da ciência e da tecnologia na estrutura produtiva, provocando modificações econômicas e sociais

* Professora Assistente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

que são mais visíveis no universo das relações produtivas.

O mundo da globalização, porém, se dá como o mundo da exclusão, com um adensamento do autoritarismo de um lado e opressão cada vez maior dos excluídos do mundo do trabalho e, por outro, a conservação e ampliação de privilégios sociais de pequena minoria da população mundial. O desenvolvimento da mídia traz em si possibilidades cada vez mais crescentes de totalitarismo desenhadas com a globalização.

A cibernética, da maneira como vem sendo utilizada atualmente em nosso mundo, coloca em xeque a própria concepção de Democracia. A própria idéia de liberdade, base do “mundo democrático” iniciado nos alvares do século XVIII, é destruída pelo mercado de opiniões controlado por uma tríplice aliança política, econômica e cibernética. A política é reduzida à lógica cruel de uma falsa democracia-mercado, a idéia de liberdade a uma possível circulação e substituição de indivíduos consumidores.

A midiatização do mundo atual, iniciada com pesquisas desenvolvidas na época da Segunda Guerra mundial, escapa também ao controle democrático, transformada em um poder paraconstitucional. O sufrágio universal obrigatório e os mecanismos de controle político através da multimidiatização mascaram uma democracia restritiva.

O desenvolvimento da robótica e o incremento do progresso técnico, a substituição cada vez mais constante e crescente do homem no processo de produção nos levam a pensar a “crise da sociedade do trabalho”, ligada diretamente à crise capitalista contemporânea. Todo este processo de subdivisão e desumanização do trabalho e redução do tempo de trabalho, declínio da ética do trabalho, remetem à crise orgânica que vive a sociedade capitalista mundial e que coloca em evidência a questão ética como central para o homem do final do século XX.

Novas tecnologias na área da engenharia genética atingem profundamente o corpo humano com o processo de clonagem, com a aparição de órgãos suplementares e “inteligentes”, colocando em xeque o conceito de criação. Este fato é hoje uma das grandes preocupações do Vaticano, pois a própria criação do homem passa para as mãos do

homem, colocando em crise inclusive a ética cristã em suas bases.

A questão ética não pode ser separada do seu contexto histórico; ela constitui parte do processo social geral e unitário através do qual o homem faz seu mundo pela sua própria consciência.

“A função criadora do sujeito se manifesta, por conseguinte, no fato de que o homem se cria a si mesmo, se transforma ele mesmo em homem, por intermédio do seu trabalho, cujas características, possibilidades, grau de desenvolvimento, etc. são certamente, determinados pelas circunstâncias objetivas, naturais ou sociais.”¹

Tecnologia e ética – uma visão marxista

É preciso ressaltar o fato de Marx e Engels, durante toda a vida deles oporem-se às vulgarizações esquemáticas do materialismo vulgar, que pretendia “substituir o estudo concreto do processo histórico concreto por uma concepção da história apoiada em deduções e analogias meramente artificiosas, com a supressão das relações complexas e concretas da dialética por meras relações mecânicas”².

Os problemas sociais constringem a projetar soluções. Antonio Gramsci, pensador marxista das primeiras décadas do nosso século, preocupado também ele como Marx e Engels com as organizações esquemáticas do materialismo vulgar, já estava atento às transformações no processo produtivo que se operava com o fordismo nos EUA, que ele chamou de americanismo. Analisando o processo de mecanização da indústria que se desenvolvia no processo produtivo naquela época, os filósofos da *praxis* o via como revolução passiva, isto é, como uma modernização histórica, porém, sob a hegemonia burguesa. Tem uma preocupação em entender o processo econômico, mas pensa na estratégia para a transformação do capitalismo avançado do mundo Ocidental e a pensa como uma nova hegemonia, a hegemonia da classe trabalhadora.

¹ LUKÁCS, G. *Ensaio sobre literatura*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 17

² Idem, p. 21.

Hegemonia, para ele, é o conjunto das funções de domínio e direção exercido por uma classe social dominante, no decurso de um período histórico, sobre outra classe social e sobre o conjunto das classes da sociedade. A conquista hegemônica de uma classe representa a transformação para uma nova estrutura econômica, uma nova organização política e, também, uma nova orientação ideológica e cultural. Tem consequências no nível material da economia, no nível da política, da moral, do conhecimento da "filosofia". E, para isto, se faz fundamental uma "reforma intelectual e moral"; sem isto não se mantém a transformação.

Nos "Quaderni del Carcere", Gramsci, ao tratar da questão da hegemonia, refere-se por vezes à capacidade dirigente de uma classe, enquanto outras vezes, simultaneamente à direção e à dominação. Hegemonia é não apenas direção política como também direção moral, cultural e ideológica.

Gramsci soube antever a necessidade de um leque maior de análise como tema da reforma intelectual e moral que se torna indicador de possíveis transformações históricas.

Como herdeiro direto do pensamento de Marx, concebe o capitalismo como modo de produção e como processo civilizatório, geneticamente grávidos de mundialidade. Central em sua teoria política é o entendimento da capacidade dos grupos sociais, através de seus intelectuais orgânicos, elaborarem concepções de mundo universalizantes que possam traduzir um ponto de vista que é próprio de uma classe, um ponto de vista universal. Isto seria, para ele, o exercício da hegemonia.

"A hegemonia é isso: capacidade de unificar através da ideologia e de conservar unido um bloco social que não é homogêneo mas, sim, marcado por profundas contradições de classe"³. Isto é, esta concepção refere-se à noção de "domínio ideológico." Existe, porém, um significado mais amplo do conceito, ligado à idéia de reforma intelectual e moral. Isto se dá à estreita conexão que existe, para Gramsci, entre teoria e prática e entre filosofia e ação política. É a preocupação de Gramsci com a construção de uma nova ordem

³ GRUPPI, L. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. 2 ed. tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1980. p. 70.

civilizatória (conceito de *civiltá*) que direcione as massas a novos padrões de valores e de comportamentos conduzidos pelo projeto revolucionário. Neste sentido, requer-se uma nova visão de mundo que impulse e solidifique uma nova forma de civilização. Para isto, não se separam as noções de coerção e consenso contidas no conceito de hegemonia, já que esta é exercida, sincronicamente, sobre os grupos aliados e sobre aqueles adversários.

É a partir da inserção das classes subalternas como cidadãos em uma ordem civil burguesa moderna que se inicia um longo caminho de elevação destas classes à consciência filosófica, a uma visão de mundo e a uma nova proposta hegemônica.

Assim, para Gramsci, a elevação cultural das massas para adequá-las à modernização e ao crescimento das forças produtivas da sociedade capitalista tem repercussões contraditórias: o acesso aos códigos dominantes, o conhecimento dos direitos e deveres e a capacidade de exigí-los podem educar também para a transformação da ordem e não apenas para o conformismo e a adesão.

Para Adolfo Sanches Vásquez, pensar uma sociedade superior a esta é pensar uma sociedade onde "o indivíduo - como sujeito dotado de consciência e vontade - deve superar a condição de suporte ou efeito passivo de uma estrutura social para integrar-se livre e conscientemente na comunidade e desenvolver, mais do que nunca sua responsabilidade pessoal e, com isso, a sua própria natureza moral"⁴.

Gramsci trabalha com o conceito de Democracia em dois momentos: como estratégia para a revolução, na guerra de posições, e como uma nova forma de *civiltá*, de uma nova ordem civilizatória. Isto é, um novo bloco histórico, uma síntese entre base e superestrutura. de acordo com Gramsci:

"Toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica e se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo o campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais."⁵

⁴ VASQUEZ, A S. *Filosofia da práxis*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

⁵ GRAMSCI, A *Quaderni del Carcere*. Vol. II - Edizione critica dell'Instituto Gramsci, org. Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 1975. Q. 10 - p. 1331.

Nas sociedades complexas do capitalismo recente, a guerra de posições para a conquista do Estado pressupõe uma longa batalha pela hegemonia e pelo consenso no interior do próprio Estado em seu sentido amplo, que, para Gramsci, seria sociedade política mais sociedade civil.

A estratégia do partido deve ser no sentido da transformação revolucionária – a luta pela hegemonia proletária – que significa, para Gramsci, assim como para Marx e Lenin, o fim da luta de classes, o fim da democracia burguesa.

Esta seria para Gramsci a verdadeira democracia que, porém, somente se concretizaria com o fim do capitalismo e com uma reforma intelectual e moral que seria a base da nova sociedade, que Gramsci chama regulada, isto é, com a hegemonia da classe operária que levaria ao fim a sociedade de classes.

Reforma Intelectual e moral - Gramsci

A questão ética colocada no centro das discussões sobre o futuro do homem pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia somente poderá ser respondida com uma transformação do mundo produtivo, isto é, com o fim da propriedade privada dos meios de produção e da divisão social do trabalho que lhe corresponde.

A “reforma moral”, para Gramsci, consistirá na decisão do “intelectual coletivo” (do Partido) e, mais geralmente, da massa, de alçar-se do “econômico-corporativo”, como nomeia nos “Quaderni”, para o nível superior que, inspirando-se em Benedetto Croce, Gramsci denomina ético-político:

“Pode existir reforma cultural e, isto é, elevamento civil dos extratos mais baixos da sociedade, sem uma precedente reforma econômica e uma transformação na posição social e no mundo econômico? Por isso, uma reforma intelectual e moral não pode não ser ligada a um programa de reforma econômica, antes o programa de reforma econômica é exatamente o modo concreto com que se apresenta cada reforma intelectual e moral.”⁶

⁶ BADALONI, N. *Il marxismo de Gramsci. dal mito alla ricomposizione politica*. Torino: Einaudi, 1975. p. 140

Existe em Gramsci ênfase, por um lado, na economia, na sociedade e na reforma intelectual e moral, porém, consolidada e bloqueada por vínculos entre novos processos econômico-produtivos e novas figuras de intelectuais especialistas e, por outro lado, ênfase nas reivindicações sociais - corporativas e instâncias ético-políticas.

É notável na análise que Gramsci faz do americanismo, toda a questão sobre tecnologia se funda na questão da propriedade privada desses meios de produção, desse "mundo novo" que constrói um novo homem, mas que não nasce para todos, caracterizando uma época de crise orgânica. Não havendo um movimento espontâneo da história que transforme o mundo, a história carece de forças e sujeitos que se definam sob o terreno das superestruturas entrelaçando interesses econômicos e orientações políticas e ideológicas. É o movimento de agrupar-se e reagrupar-se com seus interesses e culturas que transformam a história. E é somente a partir do movimento destes sujeitos que se pode compreender o movimento de crise.

A crise é a mudança morfológica das forças que organizam e guiam o crescimento civil dentro de uma determinada formação social. Traz em si, porém a possibilidade do desenvolvimento posterior que uma formação social traz em seu seio, com a potência criativa dos sujeitos agregando-se e orientando os vários reagrupamentos sociais. Isto impossibilita o confronto frontal de classes antagônicas no capitalismo avançado. Esta é a base sobre a qual Gramsci propõe, nos *Quaderni*, a passagem da "guerra de movimento" para a "guerra de posições", isto é, baseado na função dos sujeitos na história⁷.

Aí, a importância da luta pela democracia, que aglutinaria novos sujeitos definiriam seu papel e as próprias estratégias, organizando-se para a luta contra o capitalismo.

Seria a filosofia da práxis, segundo Gramsci, que teria o papel de preparar as massas para agir organizadamente para a transformação do capitalismo. A filosofia da práxis pretende conduzir as massas para uma concepção superior de vida.

A contraditoriedade da consciência não permite nenhuma

⁷ ver *Pensare la democrazia*. Antologia dai "Quaderni de Carcere", org. Marcello Montanari. Torino: Einaudi, 1997.

ação, nenhuma decisão, nenhuma opção e produz um estado de passividade moral e política. "A compreensão crítica de si mesmo advém, portanto, através de uma luta de "hegemonias" políticas, de direções contras-tantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, para chegar a uma elaboração superior da própria concepção do real"⁸. Ser cons-ciente de ser parte de uma certa força hegemônica é a primeira fase para a autoconsciência, teoria e prática unificadas no devir histórico.

É o **Partido** que tem esse papel fundamental nesta reforma intelectual e moral, como **educador**, ele tem a função de difundir na massa uma concepção de mundo unitária e coerente, para organizá-la para a transformação do mundo capitalista.

Antes da conquista do Estado não se pode propor a modificação completa da consciência de toda a classe operária. Tal consciência somente é modificada quando o modo de viver da própria classe tiver sido modificado, quando tornar-se classe dominante; somente quando tiver à sua disposição o aparato de produção e de distribuição e o poder estatal.

Transformar a sociedade intelectual e moralmente implica em transformá-la materialmente. Porém, Gramsci enfatiza a importância da ascensão das massas ao nível intelectual necessário para a conscientização e organização política das mesmas. Reforma intelectual e moral significa transformar a concepção de mundo das massas, mudar a maneira de agir e relacionar-se socialmente. E isto implica em transformar as relações de produção. Implica também em lutar por uma educação abrangente e um Partido que organize essa consciência das relações sociais de produção.

Isto significa guerra de posição na democracia burguesa para se chegar à democracia operária.

Somente o fim da sociedade de classes levaria a uma sociedade ética, herdando todo o conjunto de valores reais elaborados pela evolução plurimilenar da humanidade, porque a verdadeira dilaceração e mutilação da integridade humana é consequência imutável da estrutura econômica, material, da sociedade dividida em classes no mundo capitalista.

⁸ GRAMSCI, A. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADALONI, N. *Il marxismo de Gramsci. dal mito alla ricomposizione politica*. Torino: Einaudi, 1975.

GRAMSCI, A *Quaderni del Carcere*. Vol. II - Edizione critica dell' Instituto Gramsci, org. Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 1975.

_____. *Pensare la democrazia*. Antologia daí "Quaderni de Carcere", org. Marcello Montanari. Torino: Einaudi, 1997

_____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

GRUPPI, L. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. 2 ed. tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

LUKÁCS, G. *Ensaio sobre literatura*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

VASQUEZ, A S. *Filosofia da práxis*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.